

PÓS-ESTRUTURALISMO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE ESSE MOVIMENTO DO PENSAMENTO¹CASALI, Jessica Pereira²; GONÇALVES, Josiane Peres³.ID ORCID: ¹<https://orcid.org/0000-0003-4869-4518>; ²<https://orcid.org/0000-0002-7005-849X>*Autor para correspondência e-mail: jessy_casali@hotmail.com; josiane.peres@ufms.br**Palavras-chave**Pós-Estruturalismo
Teoria Queer
Teoria do Discurso
Estudos Culturais**Keywords**Poster-Estruturalismo
Queer theory
Speech Theory
Cultural Studies**Palabras clave**Teoria Queer
Teoría del Discurso
Estudios Culturales**RESUMO**

Este trabalho tem por finalidade apresentar algumas reflexões sobre o pós-estruturalismo, enquanto uma abordagem de investigação filosófica, que tem como objetivo superar as concepções teóricas do estruturalismo, se contrapondo e desconstruindo alguns conceitos basilares para esta perspectiva. Este estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em livros e artigos científicos relacionados a temática e sustentada nos principais estudiosos do movimento pós-estruturalista. O trabalho apresenta algumas discussões relativas ao pós-estruturalismo enquanto uma resposta filosófica contrária às pretensões científicas do estruturalismo, motivada pelas contribuições de pensadores como Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Michel Foucault e outros. O estudo aponta, ainda, considerações sobre as teorias de estudo vinculadas a perspectiva pós-estruturalista, que são a teoria do discurso, estudos culturais e a teoria *queer*. Observa-se que o pós-estruturalismo rejeita as definições que determinam verdades absolutas sobre o mundo e que esta perspectiva considera a realidade como uma construção social e subjetiva, em constante transformação. Por fim, enfatiza-se a influência do pós-estruturalismo para as mais diversas áreas do conhecimento como da psicanálise, da antropologia, das artes, da sociologia, da história, entre outras, bem como, pelas contribuições filosóficas direcionadas a temas como, feminismo, gênero, sexualidade, diversidade, o corpo, raça e etnias.

ABSTRACT**POST STRUCTURALISM: SOME CONSIDERATIONS ABOUT THIS MOVEMENT OF THOUGHT**

This paper has the finality to present some reflections about post-structuralism, while an approach to philosophical research, which has the objective of overcoming the theoretical conceptions of structuralism, opposing and deconstructing some basic concepts for this perspective. This study consists of a bibliographic research, based on scientific articles related to the subject and supported by the principal students of the post-structuralist movement. The paper presents some discussions concerning post-structuralism while a philosophical answer to the scientific pretenses of structuralism, motivated by the contributions of thinkers such as Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Michel Foucault and others. Or study aunt consider about the theories of study linked to post-structuralist perspective, which is a theory of discourse, cultural studies and a queer theory. It is observed that post-structuralism resembles definitions that determine absolute truths about the world and that this perspective considers reality as a social and subjective construct, in constant transformation. Finally, emphasis influence of post-structuralism for more diverse areas of knowledge, such as psychoanalysis, anthropology, arts, sociology, history, among others, as well as by the philosophical contributions directed to topics such feminism, gender, sexuality, diversity, the body, race and ethnics.

RESUMEN**POST-ESTRUTURALISMO: ALGUNAS CONSIDERACIONES SOBRE ESTE MOVIMIENTO DEL PENSAMIENTO**

Este trabajo tiene por finalidad presentar algunas reflexiones sobre el post-estructuralismo, mientras que un abordaje de investigación filosófica, que tiene como objetivo superar las concepciones teóricas del estructuralismo, contraponiendo y desconstruyendo algunos conceptos basilares para esta perspectiva. Este estudio consiste en una investigación bibliográfica, fundamentada en libros y artículos científicos relacionados con la temática y sostenida en los principales estudiosos del movimiento post-estructuralista. El trabajo presenta algunas discusiones relativas al post-estructuralismo como una respuesta filosófica contraria a las pretensiones científicas del estructuralismo, motivada por las contribuciones de pensadores como Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger, Michel Foucault y otros. El estudio apunta, además, consideraciones sobre las teorías de estudio vinculadas a la perspectiva post-estructuralista, que son la teoría del discurso, estudios culturales y la teoría *queer*. Se observa que el post-estructuralismo rechaza las definiciones que determinan verdades absolutas sobre el mundo y que esta perspectiva considera la realidad como una construcción social y subjetiva, en constante transformación. Por último, se enfatiza la influencia del post-estructuralismo para las más diversas áreas del conocimiento como del psicoanálisis, de la antropología, de las artes, de la sociología, de la historia, entre otras, así como por las contribuciones filosóficas dirigidas a temas como, feminismo, género, sexualidad, diversidad, cuerpo, raza y etnias.

¹O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001²Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - Campus do Pantanal. Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE). Graduada em Serviço Social pela Universidade Federal do Pampa - Campus São Borja/RS.³Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Professora Permanente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus do Pantanal (CPAN/UFMS) e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FAED/UFMS). Líder do GEPDGE.**INTRODUÇÃO**

N o presente trabalho, pretende-se delinear algumas considerações acerca do método pós-estruturalista, destacando os conceitos e definições desta teoria, visando esboçar em linhas gerais esta perspectiva enquanto um movimento intelectual que surge com o propósito de superar e desconstruir determinados princípios que são basilares para o estruturalismo e como uma corrente que compreende a realidade como uma construção social e subjetiva.

Este estudo oportuniza uma aproximação com uma diversidade de informações, expressas pela teoria do discurso, os estudos culturais e teoria *queer*, perspectivas vinculadas ao pós-estruturalista e que são compostas por diferentes concepções direcionadas a conceitos como de discurso, cultura, gênero e sexualidade.

É pertinente destacar a importância de se conhecer a perspectiva pós-estruturalista, isto porque ela esclarece as relações sociais de dominação que vão além dos aspectos econômicos, pois abrangem questões de gênero, sexualidade e étnico-raciais. E que consequentemente causam reflexos na sociedade, pois enquanto um grupo social específico reconhecido como hegemônico estiver exercendo a suas relações de poder, outros grupos estarão na condição de subordinados e inferiores. A compreensão dessa realidade se faz necessária para que se rompa com esta cultura que está consolidada na sociedade atual e que resulta na opressão, exclusão e marginalização de grupos sociais específicos.

Por conseguinte, cabe elucidar que as observações aqui expressadas não objetivam uma reflexão conclusiva, mas, antes, uma ponderação introdutória sobre esse movimento do pensamento, denominado de pós-estruturalismo.

CONHECENDO O MOVIMENTO PÓS-ESTRUTURALISTA E AS TEORIAS DE ESTUDO

O termo pós-estruturalismo refere-se a uma resposta filosófica que busca superar a perspectiva de análise do movimento que o antecedeu, o estruturalismo, o qual se contrapõe e desconstrói alguns conceitos considerados centrais para esta perspectiva. Segundo Peters (2000), o pós-estruturalista não deve ser meramente convertido a uma teoria ou método, mas reconhecido enquanto um movimento de contestação que surge não com a intenção de negar o estruturalismo, mas de ampliar e transformar o que já estava consolidado, posto que o pós-estruturalismo é “[...] uma complexa rede de pensamentos – que corporifica diferentes formas de prática crítica” (PETERS, 2000, p.29).

O pós-estruturalismo pode ser caracterizado como um modo de pensamento, um estilo de filosofar e uma forma de escrita, embora o termo não deva ser utilizado para dar qualquer ideia de homogeneidade, singularidade ou unidade. O termo “pós-estruturalismo” é, ele próprio, questionável (PETERS, 2000, p. 28).

A criação da teoria pós-estruturalista é marcada por um duplo acontecimento. Conforme retrata a história, a gênese do termo pós-estruturalismo se deu no ano de 1966 e que de acordo com Peters (2000) caracteriza-se como uma prática tradicionalmente estadunidense, sendo que o termo pós-estruturalismo foi a forma encontrada pela comunidade acadêmica dos Estados Unidos para descrever filosoficamente ideias que se opõem ao estruturalismo, alicerçado nas obras de um conjunto diversificado de teóricos. Do outro lado, a concepção da teoria pós-estruturalista é atribuída aos pensadores franceses, que coletivamente constituíram um movimento que marcou a história intelectual da França (PETERS, 2000).

Alguns filósofos preferem outros termos, tal como “neoe estruturalismo”, que enfatiza uma continuidade com o estruturalismo e interpretam o “pós” da expressão pós-estruturalismo como algo que vem depois e que visa expandir a teoria estruturalista. Para alguns pensadores, assim como, Jacques Derrida o prefixo “pós”, não determina a negação ou oposição absoluta das premissas estruturalistas (MENDES, 2015). Para Peters (2000, p. 28), “[...] todas essas expressões mantêm como central a proximidade histórica, institucional e teórica do movimento ao estruturalismo”.

O pós-estruturalismo convive com diferentes formas de apreensão conceitual: ora é visto como uma etapa subsequente ao esgotamento estruturalista, ora como um corpo teórico autônomo e paralelo (neo-estruturalismo), ou ainda como negação do estruturalismo (anti-estruturalismo) [...] (CEZAR, 1995, p.129).

Por conseguinte, não se pode desconsiderar que o pós-estruturalismo se desenvolveu por intermédio de diversas correntes e por uma complexa rede de pensamento interdisciplinares (PETERS, 2000), constituindo-se a partir de debates significativos de pensadores que construíram teorias que questionam os princípios estruturalistas. Os autores referências para este movimento, são: Martin Heidegger, Gilles Deleuze, Jacques Derrida, Michel Foucault, entre outros, que se inspiraram nas obras de Friedrich Nietzsche (PETERS, 2000).

O pós-estruturalismo deve ser visto como um movimento que, sob a inspiração de Friedrich Nietzsche, Martin Heidegger e outros, buscou descentrar as “estruturas”, a sistematicidade e a pretensão científica do estruturalismo, criticando a metafísica que lhe estava subjacente e estendendo-o em uma série de diferentes direções, preservando, ao mesmo tempo, os elementos centrais da crítica que o estruturalismo fazia ao sujeito humanista (PETERS, 2000, p. 10).

O movimento pós-estruturalista ao mesmo tempo que busca romper com o estruturalismo, ainda mantém, com este, algumas similaridades. Como destacam Souza, Souza e Silva (2013, p. 204), “[...] o pós-estruturalismo emerge dentro do estruturalismo e, assim sendo, tais semelhanças não são meros acasos”. Até certo ponto o pós-estruturalismo adere e amplia alguns elementos do estruturalismo para além das concepções tradicionais.

Giddens (1999) explica que algumas características são pertinentes tanto para o estruturalismo quanto para o pós-estruturalismo, das quais: a) a importância da linguística; b) a ênfase na natureza relacional das totalidades; c) o caráter arbitrário do signo; d) a primazia do significante sobre o significado; e) a descentralização do sujeito; f) a preocupação especial com a natureza da escrita – ou seja, com o material textual; g) o interesse no aspecto temporal como algo constitutivo e integrante da natureza dos objetos e eventos; e h) o questionamento da noção de sujeito do pensamento humanista renascentista que aponta o sujeito como um ser autônomo, livre e auto-consciente, fonte de todo conhecimento e da ação moral e política.

Os pós-estruturalistas continuam, de formas variadas, a sustentar essa compreensão estruturalista do sujeito, concebendo-o, em termos relacionais, como um elemento governado por estruturas e sistemas, continuando a questionar também as diversas construções filosóficas do sujeito: o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e fenomenológico; o sujeito do existencialismo, o sujeito coletivo marxista (PETERS, 2000, p. 31).

Contudo, o pós-estruturalismo, ao mesmo tempo que perpetua algumas características próximas do estruturalismo, também o transcende. Para Stuart Hall (1998), um dos aspectos que diferem as duas abordagens é o descentramento do sujeito, já que se rompe com a princípios estruturalista de um ser humano essencialista e universal. Conforme Laclau (1996), o descentramento do sujeito possibilita compreender que as inúmeras situações experienciadas em momentos diferentes da vida contribuem para a construção da identidade dos indivíduos. Nesse sentido, compreende-se que o pós-estruturalismo “[...] reafirma a importância da estrutura, não na constituição do sujeito, mas sim na determinação das diferentes posições de sujeito, que emergem nos momentos de tomada de decisão” (PEREIRA, 2010, p. 422).

Para a perspectiva pós-estruturalista, o sujeito passa a ser constituído por diferentes identidades que delimitam as práticas sociais e culturais, discursivas ou não discursivas e que também se encontram nas relações de poder e saber entre os grupos e nas instituições, as quais os indivíduos passam a ser vistos com outras identidades que estavam ocultas pelo discurso hegemônico (DINIS; PEREIRA, 2015).

O pós-estruturalismo, além de rejeitar uma concepção essencialista de sujeito, busca desconstruir a percepção de sujeito centrado a partir de determinadas relações estruturais. Para Derrida (2003), o processo de desconstrução implica na inversão da hierarquia em uma determinada cadeia de substituições, ou determinado contexto sociocultural. Além do mais, segundo a perspectiva pós-estruturalista, identificar estruturas universais comuns a todas as culturas seria como reconhecer a existência de um sujeito universal.

Assim, se observa que, enquanto o estruturalismo se interessa por estruturas estáticas e homeostáticas, o pós-estruturalismo resiste e se volta contra verdades, oposições e realidades absolutas, imutáveis. As preocupações pós-estruturalistas tratam, deste modo, de perguntar menos sobre “o que e por que” as coisas acontecem e, mais, sobre “como” as coisas são construídas (DUTRA, 2009). James Williams (2012, p. 31) afirma que “[...] para o pós-estruturalismo, a verdade se torna uma questão de perspectiva ao invés de uma ordem

absoluta”.

Além do mais, Heidegger (1991) considera que é necessário pensar de uma forma mais ampla, mas que este ato não significa, por exemplo, que pensar contra a lógica é defender o ilógico, ou que pensar contra os valores é destruir ou desconsiderar a sua importância. Também Deleuze (1992) analisa que o pensar diferente do que se é aceitável ou tranquilizador em determinado contexto social é um fator importante, porque questionar e analisar os diferentes pontos de vistas sobre uma mesma situação é uma forma de compreender a realidade.

Cabe destacar que um aspecto relevante em relação aos estudos pós-estruturalistas refere-se aos questionamentos sobre a maneira pela qual a sociedade encontra-se estruturada e como se organizam as relações de dominação que não estão mais centradas nas questões econômicas e transcendem as ligações entre ricos e pobres, explorador e explorado, pois incluem outras diferentes formas de dominação direcionadas a raça, etnia, no gênero e na sexualidade (SILVA, 2005).

De forma semelhante, Lopes (2013, p. 15) destaca que “As ideias de centro e margens, de superioridade cultural, disciplinaridade e nação, o eurocentrismo e os registros orientais no ocidente são questionados, de forma associada às discussões sobre gênero, raça, classe, sexualidade e linguagem”. Corroborando com tais pressupostos, Aguilar e Gonçalves (2017, p. 40) enfatizam que:

[...] o pós-estruturalismo também analisa as relações de poder existentes na sociedade, mas não somente naquele que é exercido pela classe dominante. Existem outras formas de poder que predomina entre as pessoas de determinados contextos sociais, ou até mesmo entre países, como é o caso da Europa e Estados Unidos, que exercem o poder em relação a outras nações que se encontram em processo de desenvolvimento.

É precisamente essas outras formas de dominação que a perspectiva pós-estruturalista busca problematizar, com o objetivo de desconstruir esses conhecimentos que foram produzidos culturalmente e estão consolidados na sociedade atual. Assim, partindo do princípio de que o pós-estruturalismo visa conhecer, questionar, desconstruir e criar uma nova possibilidade de mundo e de existência é que na sequência serão problematizadas algumas diferentes teorias e conhecimentos que compõem esta perspectiva, embora priorizando algumas determinadas área de estudo, baseiam-se também na perspectiva de desconstrução, como é o caso da Teoria do Discurso, dos Estudos Culturais e da Teoria *Queer*.

TEORIA DO DISCURSO

Segundo elucida Perters (2000), tanto o estruturalismo quanto o pós-estruturalismo sustentam a concepção linguística de Saussure⁴. No entanto, contrário as compreensões do estruturalismo que afirma a independência e prevalência do significante em relação ao significado, os pós-estruturalistas veem o significante e o significado como inseparáveis, mutuamente relacionados.

O conceito de discurso, de acordo com o Saussure, decorre da distinção que o autor faz entre língua e fala, “[...] sendo a primeira o próprio aspecto estrutural da linguagem [...] e a segunda, o modo particular e singular como a fala se articula em relação à língua” (MACHADO, 2011, p. 277). Assim, entende-se como conceito de discurso “as formas de apropriação pelo indivíduo falante do universo da língua” (PINTO, 1988).

Uma palavra em si não tem sentido algum, sem um sujeito que se responsabilize e responda por ela, de acordo com a representação que tal palavra tem para si em sua história particular. O significante é algo contingente que um sujeito toma como necessário. O significado, por sua vez, não é nada mais que o resultado da articulação entre dois significantes que, juntos e por efeito de retroação, produzem um efeito de sentido que irremediavelmente se remete a outro significante (MACHADO, 2011, p.278)

Ao estabelecer relações entre a linguagem escrita e o pensamento, Derrida (2001) propõe que a escrita complementa o pensamento e o representa na sua ausência. Nesse caso, o pensamento precisa da linguagem escrita para ser externalizado e, ao mesmo tempo em que substitui o pensamento, a escrita é capaz de possibilitar a construção de outros sentidos, porque os significantes continuam sendo capazes se inserirem em outras

⁴ Machado (2011, p.277) salienta que, Ferdinand Saussure é “conhecido como o pai da linguística moderna, concebia a língua como um sistema dual marcado por uma relação dicotômica e indissociável entre um significado e um significante na constituição do signo”.

propostas discursivas.

Nesse contexto, entende-se que o discurso é uma construção social, formado de laços sociais, tecidos e estruturados pela linguagem, que reflete o contexto histórico, político e social de seus atores e do espaço que se expressa, uma vez que “Não existe a possibilidade de um lugar objetivo de onde se possa falar e nomear o mundo fora da história, da linguagem, das construções discursivas, das identidades e experiências” (LOPES, 2013, p. 16).

Em vista disso Lacan (1992) teorizou as formas de vínculo social em quatro definições de discursos: do mestre, universitário, da histórica e do analista, inspirados nos modos de relacionamento apontados por Freud (1930) como fontes do sofrimento dos indivíduos, tais como: governar, educar, analisar e fazer desejar.

Já para Michel Foucault (1997), o desejo e o poder são intrínsecos ao discurso, pois de fato, a linguagem, enquanto uma característica fundamental do discurso e como uma atividade própria do ser humano, é tida como um poder que os indivíduos possuem para se comunicar, trocar experiências, estabelecer vínculos sociais, etc. Foucault (2004) também considera que a verdade é entendida como um produto de gêneros discursivos, composto por um conjunto de regras que são utilizadas para construir sentenças ou ideias bem formadas, que muitas vezes é utilizada para manipulação ou fortalecimento das relações de poder.

Assim, compreende-se que existem diferentes conceitos e definições para a teoria do discurso, mas todas essas abordagens tomam a linguagem como um aspecto fundamental, destacando o discurso como um fenômeno social.

ESTUDOS CULTURAIS

A origem dos Estudos Culturais, segundo Stuart Hall (1980), teve início no final da década de 1950 no contexto acadêmico britânico, na Inglaterra. A sua institucionalização aconteceu a partir da criação, da Universidade de Birmingham do *Center of Contemporary Cultural Studies* (CCCS), em 1964, seu fundador foi o professor de Literatura Moderna, Richard Hoggart. No princípio as atividades do CCCS, consistiam em promover a colaboração entre as diferentes áreas do conhecimento, buscando estimular a investigação interdisciplinar, direcionadas para temas como: cultura, juventude, gênero, feminismo, raça, etnias, desigualdades sociais, entre outros (BAPTISTA, 2009).

Os Estudos Culturais (EC) têm como questão central a problematização acerca das noções de cultura que transmuta-se de um conceito impregnado de distinção, hierarquia e elitismos segregacionistas para um outro eixo de significados em que se abre um amplo leque dos sentidos cambiantes e versáteis. Cultura deixa, gradativamente, de ser domínio exclusivo da erudição literária e artística, de padrões estéticos elitizados e passa a contemplar, também, o gosto das multidões. Em sua flexão plural – culturas – e adjetivado, o conceito incorpora novas e diferentes possibilidades de sentido (COSTA; SILVEIRA; SOMER, 2003, p. 36).

Os estudos culturais não se configuram exatamente como uma disciplina específica, mas como um ramo do conhecimento ampla que agrega diversas temáticas e que tem por finalidade estudar os aspectos culturais da sociedade, inclusive as relações de poder. Para Hennigen e Guareschi (2002, p. 48), “A cultura seria, então, um *locus* onde se estabelecem divisões que implicam em desigualdades, onde acontecem os embates políticos: o espaço privilegiado em que ocorre a luta pela significação”. Assim, umas das características principais dos estudos culturais diz respeito à sua natureza interdisciplinar, que inclui várias áreas do conhecimento.

A interdisciplinaridade é uma característica central deste campo, que estuda os aspectos culturais da sociedade contemporânea a partir da interseção de diversas disciplinas. Acolhe, seletivamente, insights teóricos do marxismo e neomarxismo, teorias feministas, estruturalismo e pós-estruturalismo, psicanálise e pós-modernismo, numa espécie de alquimia para produzir conhecimento (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002, p. 48).

Também Aguilar e Gonçalves (2017) analisam a perspectiva interdisciplinar dos Estudos Culturais e ressaltam que é preciso considerar diversos fatores para melhor compreender algumas categorias sociais.

Trata-se da perspectiva da interdisciplinaridade, em que alguns interesses investigativos são convergentes, permitindo compreender as situações que não são acessíveis somente a partir de uma única área do

conhecimento. Ou seja, ao analisar a perspectiva de gênero ou de raça, por exemplo, é preciso considerar fatores históricos, geográficos, sociais, econômicos, políticos, etc. (AGUILAR; GONÇALVES, 2017, p. 41).

Em síntese, os estudos culturais surgiram com a perspectiva de estudar e refletir sobre assuntos do cotidiano da sociedade e foram estas características que despertaram o interesse de muitos pesquisadores com as mais variadas formações em aderir os princípios dos estudos culturais. Destaca-se ainda que as linhas de pesquisa dos Estudos Culturais são bem diversificadas, isto porque, foram influenciadas por diferentes vertentes epistemológicas.

O que diferencia os estudos culturais dos outros ramos do conhecimento mais tradicionais é sua opção por defender os grupos que não têm acesso aos meios de produção cultural e que são marginalizados socialmente e principalmente sua capacidade de proporcionar os instrumentos lógicos para pensar no mundo de forma mais crítica, considerando sempre os aspectos culturais presentes na sociedade (HALL, 2010).

TEORIA QUEER

Outra teoria imbuída pela perspectiva pós-estruturalista para além dos Estudos Culturais e da teoria do discurso é a reflexão desenvolvida pela Teoria *Queer*⁵, “[...] que permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de gênero, mas, além disso, também sugere novas formas de pensar a cultura, o conhecimento, o poder e a educação” (LOURO, 2008, p. 47).

A Teoria *Queer* surgiu no fim da década de 1980 nos Estados Unidos e teve como referenciais teóricos as produções de Michel Foucault e Derrida, que forneceram as bases filosóficas para o movimento, fundamentados mais especificamente nas obras: *História da Sexualidade I: A Vontade de Saber* de 1976 e *Gramatologia* de 1967 (MISKOLCI, 2009). Ainda, conforme apresenta Miskolci (2009, p.152).

Teórica e metodologicamente, os estudos queer surgiram do encontro entre uma corrente da Filosofia e dos Estudos Culturais norte-americanos com o pós-estruturalismo francês, que problematizou concepções clássicas de sujeito, identidade, agência e identificação.

De acordo com Miskolci (2009), a concepção *queer*, busca romper com as lógicas binárias que resultam no estabelecimento de hierarquias e subalternizações e se contrapõe as normas e opressões sociais que operam sobre tudo que diverge dos padrões estabelecidos socialmente. O movimento *queer* emergiu como uma contestação crítica aos estudos sociológicos direcionados as minorias de gênero e sexuais, pois até o ano de 1990, as ciências sociais abordavam a ordem social como sinônimo de heterossexualidade.

Nesse contexto é que se manifesta o movimento *queer*, que passa a debater a heteronormatividade, em que gays e lésbicas normalizados são socialmente aceitos, enquanto aqueles que não se adequam as normas são considerados abjetos, expostos à humilhação e ao desprezo coletivo (MISKOLCI, 2012).

Silva (1999) explica que à visão existente da heterossexualidade como algo natural e normal é constituída a partir no seu inverso, seu oposto, ou seja, perpetuando a compreensão de que a homossexualidade é anormal, sendo um desvio da sexualidade vista como correta e hegemônica, que é a heterossexual. Em vista disto, os teóricos *queer* elaboraram uma crítica a essa predominância, criando termos como heterossexismo, heteronormatividade e matriz heterossexual⁶.

Carignano (2009) explica que o alvo do discurso *queer* não é somente a dominância da heterossexualidade na nossa sociedade, mas igualmente o sistema de normatização do movimento social e o modo de vida dos grupos minoritários. A teoria *queer* é comprometida com a defesa dos grupos socialmente estigmatizados e busca desconstruir com esses preceitos hegemônicos.

⁵Segundo Louro (2008, p.30), “*Queer* é estranho, raro esquisito. *Queer* é, também, o sujeito à sexualidade desviante homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira ao centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do “entre lugares”, do incedível. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina”.

⁶Segundo Miskolci (2014, p. 14). De forma geral, heterossexismo explícita quando a heterossexualidade é tomada como um dado, pressuposta ou esperada em teorias, normas jurídicas ou mesmo em relações sociais cotidianas. Heteronormatividade se refere às normas sociais que impõem não necessariamente a heterossexualidade em si, mas seu modelo a outras relações, inclusive entre pessoas do mesmo sexo. A matriz heterossexual designa a expectativa social de que os sujeitos terão uma coerência linear entre sexo designado ao nascer, gênero, desejo e práticas sexuais.

O queer se torna, assim, uma atitude epistemológica que não se restringe à identidade e ao conhecimento sexuais, mas que se estende para o conhecimento e a identidade de modo geral. Pensar queer significa questionar, problematizar, contestar, todas as formas bem-comportadas de conhecimento e de identidade. (SILVA, 2005, p. 107).

Conforme o discurso de Steven Seidman, a teoria *queer* seria o estudo “[...] daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a ‘sociedade’ como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (SEIDMAN, 1996, p. 13).

Compreende-se assim que o movimento *queer* propõe que os indivíduos ultrapassem as fronteiras da identidade impostas. Pois a “[...] identidade não é uma coisa da natureza; ela é produzida num processo de significação: é preciso que, socialmente, lhe seja atribuído um significado” (SILVA, 2005, p. 105). A teoria defende a ideia de que a identidade de gênero e sexual dos indivíduos não é definida pela biologia humana, mas é uma construção social e histórica, que não é fixa, imutável, nem tão pouco definitiva e que por esse motivo, não existem papéis sexuais certos ou biologicamente pré-estabelecidos.

Destaca-se ainda, que os estudos *Queer*, assim como os culturais, vêm contribuindo para que se problematize mais sobre temas direcionados aos estudos de gênero, sexualidade, feminismo, diversidade entre outros. Abordando questões que estavam imersas na sociedade, dando início a um processo de desconstrução de estruturas e identidades historicamente definidas e fixas (GAMSON, 2006).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao analisar o movimento pós-estruturalismo foi possível compreender que esta teoria não busca se contrapor completamente às abordagens da teoria estruturalista, mas ir além dos princípios já delineados pela perspectiva que o antecedeu. Trata-se de transformar o conceito tradicional de estrutura alicerçado nos seus próprios princípios. Neste sentido, assim como o estruturalismo, o pós-estruturalismo concordaria de um modo geral com a possibilidade de se explicar os fenômenos sociais da realidade, baseado em estruturas. Entretanto, contrapondo-se ao estruturalismo, o pós-estruturalismo destaca o fato de que toda estrutura somente se sustenta baseada nas contradições, uma vez que o significado gerado por meio de um fenômeno, só se torna compreensível a partir do seu oposto (MENDES, 2015).

Deste modo, entende-se que enquanto o estruturalismo se volta para a análise das estruturas, o pós-estruturalismo manifesta seus interesses pelo desenvolvimento, transformação e pela ruptura das estruturas. E ainda questiona a postura cientificista das ciências humanas e os interesses estruturalista de identificar estruturas universais comuns a todas as culturas e também à mente humana em geral.

O Pós-estruturalismo produziu ao longo da história uma série de inquietações e também contribuições, despertando algumas reflexões voltadas para o sujeito em sua integralidade, ou seja, considerando as suas concepções biológicas, psicológicas, históricas, sociais e culturais, o que possibilitou uma maior compreensão deste indivíduo que se constrói e se desenvolve a partir do espaço que está inserido, pois para o pós-estruturalista o sujeito é constituído por múltiplas identidades e não mais caracterizado de acordo com os padrões heteronormativos.

Assim, enfatiza-se a relevância da teoria do discurso, da teoria *queer* e dos estudos culturais, que fundamentados nos princípios da desconstrução, buscam romper com princípios e ideias consideradas absolutas e ainda instigam a sociedade a pensar nas relações de dominação de um grupo sobre outro, problematizando a premência de se romper com essa hegemonia.

Por fim, é possível afirmar que existe um empenho do movimento pós-estruturalista e das teorias de estudos que a compõe, de problematizar as relações de poder constituídas para além das dominações provenientes da condição econômica das classes sociais e que se expressam por meio do preconceito e da subordinação de grupos específicos. É preciso desconstruir estes princípios que foram concebidos no decorrer da história e considerados como únicos, corretos e verdadeiros, a fim de extinguir as desigualdades que marginalizam e excluem os negros, mulheres, homossexuais, entre outros.

REFERÊNCIAS

AGUILAR, M. A. B.; GONÇALVES, J. P. Conhecendo a perspectiva pós-estruturalista: breve percurso de sua

história e propostas. **Revista Conhecimento Online**, n. 9, v. 1, p. 36-44, jan./jun. 2017.

BAPTISTA, M. M. **Estudos culturais: o quê e o como da investigação**. 2009. Disponível em: <http://revistas.ua.pt/index.php/Carnets/article/viewFile/466/422>. Acesso em: 20. dez. 2017.

CARIGNANO, M. L. M. O “mundo da bichas” em copi e perlongher: identidade, gênero e literatura. Simpósio Internacional de Letras e Linguística – SILEL. **Anais...**, Uberlândia: EDUFU, 2009, p. 1-10.

CEZAR, T. Estruturalismo e pós-estruturalismo na perspectiva do conhecimento histórico. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 3, n. 4, p. 129-151, 1995.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 36-61, ago., 2003.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, J. **A universidade sem condição**. Trad. A. Lindezam. Águeda PT: Angelus Novus, 2003.

DERRIDA, J. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

DINIS, N. F.; PEREIRA, R. S. Itinerários da pesquisa pós-estruturalista em educação. **Itinerarius Reflectio-nis**. Jataí, v.11, n. 2., p. 1-16, 2015.

DUTRA, M. R. O. Pós-estruturalismo e pesquisa: algumas pistas para investigação em educação ambiental. **Revista Ambiente & Educação**, v. 4, n. 1, p. 159-170, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo, Loyola, 2004.

FREUD, S. Mal-estar na Civilização. In: **Obras Completas**, v. XXII. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GAMSON, J. As sexualidades, a teoria queer e a pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. (org.). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Tradução de Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006, p. 345- 362.

GIDDENS, A. Estruturalismo, pós-estruturalismo e a produção da cultura. In: GIDDENS, A. TURNER, J. (org.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 281-319.

HALL, S. **A identidade cultural da pós-modernidade**. 10ª ed. São Paulo: DP&A Editora, 1998.

HALL, S. Cultural Studies: two paradigms. **Media, Culture and Society**, v 2. Londres, 1980.

HALL, S. **Estudios culturales y sus legados teóricos**. Sin garantías: Trayectorias y problemáticas en estudios culturales, 1ª ed., Lima – Peru: Instituto de Estudios Peruanos, 2010.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, v. 14, n. 1, p. 44-68, jan./jun. 2002.

HEIDEGGER, M. Sobre o “Humanismo”. In: HEIDEGGER, M. **Carta sobre o Humanismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes, 1991. p. 1-47.

LACAN, J. **Seminário 17 - o avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.

LACLAU, E. **Emancipación y diferencia**. Lisboa: Difel, 1996.

LOPES, A. C. Teorias pós-críticas, política e currículo. *Educação, Sociedade e Cultura*, n. 33, p. 7-23, 2013.

LOURO, G. L. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MACHADO, B. F. V. Saussure, o discurso e o real da língua: entre linguística e psicanálise. **Alfa: Revista de Linguística**, v. 55, n. 1, p. 271-286, 2011.

MENDES, C. Pós-estruturalismo e a crítica como repetição. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Brasília DF, v. 30, n. 88, p. 45-60, 2015.

MISKOLCI, R. Estranhando as ciências sociais: notas introdutórias sobre teoria *Queer*. **Revista Florestan: Graduação em Ciências Sociais da UFSCar**, v 1, n. 2, p. 8-25, nov. 2014.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PEREIRA, T. V. As contribuições do paradigma pós-estruturalista para analisar as políticas curriculares. **Espaço do Currículo**. v. 3, n. 1, p. 419-430, 2010.

PETERS, M. **Pós-estruturalismo e filosofia da diferença**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PINTO, C. R. J. **Com a palavra o Senhor Presidente José Sarney: ou como entender os meandros da linguagem do poder**. São Paulo: Hucitec. 1988.

SEIDMAN, S. **Beyond the Closet: the transformation of gay and lesbian life**. New York: Routledge, 2002.

SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOUZA, E. M.; SOUZA, S. P.; SILVA, A. R. L. O pós-estruturalismo e os estudos críticos de gestão: da busca pela emancipação à constituição do sujeito. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 17, n. 2., p. 198-217, abr., 2013.

WILLIAMS, J. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvig. Petrópolis, RJ: Vozes, 1012.